



O movimento da língua na *Grammatica Historica* de Said Ali: a materialidade em pauta

The language movement in the *Grammatica Historica* by Said Ali: the materiality in question

Suzy Lagazzi*

Unicamp

Resumo: *Este artigo, a partir de uma abordagem discursiva materialista, faz um percurso pela Grammatica Historica da Lingua Portugueza, de M. Said Ali, discutindo e analisando o investimento descritivo do autor na comparação de diferentes momentos do português, a partir da premissa de que “deixará de ser histórico o estudo de vocábulos que desprezar as alterações semânticas” (SAID ALI, 1931, p. III, Prólogo). Numa perspectiva que se contrapõe a classificações gramaticais estanques e ao logicismo, Said Ali consegue, de maneira muito interessante, dar visibilidade ao movimento da língua portuguesa em seus diferentes usos ao longo da história, ressaltando, na materialidade linguística, processos significativos de interlocução entre o falante e o ouvinte, sem cair num reducionismo comunicacional.*

Palavras-chave: *Said Ali, Grammatica Historica da Lingua Portugueza, Estudos gramaticais, Materialidade linguística, Uso da língua.*

Abstract: *This article, from a materialist discursive approach, makes a journey through the Grammatica Historica da Lingua Portugueza by M. Said Ali, discussing and analyzing the author’s descriptive investment in the comparison of different moments of Portuguese, from the premise of that “the study of words that disregard semantic alterations will no longer be historical”*

(SAID ALI, 1931, p. III, Prologue). *In a perspective that opposes stagnant grammatical classifications and logicism, Said Ali reaches, in a very interesting way, to give visibility to the movement of the Portuguese language in its different uses throughout the history, highlighting, in the linguistic materiality, significant processes of dialogue between the speaker and the listener, without falling into communication reductionism.*

Keywords: *Said Ali, Grammatica Historica da Lingua Portuguesa, Grammar studies, Linguistic materiality, Language use.*

A Grammatica Historica em cena

A *Grammatica Historica da Lingua Portuguesa*, de Manuel Said Ali, sempre exerceu grande sedução sobre mim e esteve presente em muitas das minhas aulas da disciplina História das Ideias Linguísticas. Trabalhada no contraponto da *Gramática Secundária*, também de autoria de Said Ali, principalmente a *Grammatica Historica* produzia uma mexida interessante no imaginário dos alunos sobre o que é uma gramática. Voltar a ela, neste momento, significa localizar a minha sedução em um percurso de análise que dá visibilidade a pontos que me convocaram e ainda me convidam à reflexão, a partir de uma perspectiva que analisa o discurso no movimento da história; significa ser mobilizada por questões discursivas no campo da História das Ideias Linguísticas.

A *Grammatica Historica da Lingua Portuguesa* é apresentada, por Said Ali, como uma obra que se estruturou a partir da *Lexeologia*, publicada em 1921, e que tinha como objetivo estudar o desenvolvimento do português, desde os primeiros documentos escritos, averiguando as alterações por que passou a linguagem em tantos séculos, nas diversas fases do português histórico. Entre a lexeologia semântica e a semântica lexeológica, seu estudo destoa do “vetusto systema de classificação”, nos diz o autor, advertindo que “deixará de ser histórico o estudo de vocábulos que desprezar as alterações semânticas” (SAID ALI, 1931, p. III, Prólogo).

Vejo, nesta perspectiva de Said Ali, um importante olhar para a língua que vai pensar seu movimento na história a partir da relação entre os vocábulos e seus sentidos. Esse olhar, que relativiza “o vetusto systema de classificação”, como lemos acima, traz um enfoque que me permite trabalhar com a polissemia do termo gramática.

Quando nos diz que seu trabalho oscila entre a lexeologia semântica e a semântica lexeológica, o autor ressalta o vínculo entre vocábulo e sentido em sua obra, vínculo que mobilizo em minha reflexão e a partir do qual pergunto: Como essa relação privilegiada entre vocábulo e sentido toma corpo no conjunto da *Grammatica Historica* e afeta o conceito de gramática?

Uma produtiva questão discursiva no campo da História das Ideias Linguísticas. A reflexão que apresento vem pautada por essa relação de movimento, em que os sentidos me tocam na análise de seus efeitos. Este percurso pela *Grammatica Historica* de Said Ali se faz no batimento entre a descrição e a interpretação, procedimento fundante do olhar materialista discursivo. Localizar e delimitar a interpretação que vai se produzindo na leitura do estudo elaborado por Said Ali sobre o desenvolvimento do português em suas mudanças, requer um olhar atento para as formulações do autor em suas condições de produção.

A Grammatica Historica em análise

Considero importante retomar Said Ali quando nos diz que “a parte complementar que a *Lexeologia* reclamava saiu a lume dois anos depois”. Chama a atenção o modo pelo qual o autor fala da demanda imposta por sua obra. O próprio texto “reclamando” do autor a continuidade do estudo, a prática demandando teorização. Observamos um autor inquieto e em movimento, num processo em que a autoria se constitui na prática da produção do conhecimento. O trabalho sobre a língua construindo o conhecimento da língua.

Não há rigoroso accordo entre os homens de sciencia sobre a classificação dos diversos falares da Romania; mas está assentado hoje que não deve prevalecer sómente a divisão politica, nem se deve attender só ao desenvolvimento literario. Nas diversas regiões onde imperavam as linguas

literárias, ha dialectos muito notaveis que a sciencia não pode desprezar. De alguns delles o estudo está apenas no inicio, e isto difficulta sobremodo a classificação. (SAID ALI, 1931, 1ª Parte, p. 1)

Said Ali ressalta que os falares, organizados em diferentes dialetos, vão demandando os “homens de sciencia” em seu trabalho sobre as línguas, produzindo questões e mostrando que a classificação se faz sob diferentes determinações, o que impede um “rigoroso accordo” entre os estudiosos e requer que essa classificação esteja aberta a novas perspectivas analíticas. Justamente o olhar histórico que Said Ali lança sobre a língua portuguesa coloca em pauta a classificação em sua rigidez, requerendo do “vetusto systema” a acolhida de novos parâmetros para a descrição dos vocábulos na relação com os sentidos.

Consultando os prólogos e o índice da *Grammatica Historica*, entendemos que “a parte complementar reclamada”, localizada como 2ª Parte, se compõe da *Formação de palavras* e da *Syntaxe*, que vêm se juntar aos subtítulos da 1ª Parte: *Literatura, Historia resumida da Lingua Portugueza, Alterações phoneticas do latim vulgar, Os sons em portuguez e sua representação*, e finalmente o subtítulo *Os vocábulos*, subdividido em *Nomes em geral, Substantivos, Adjectivos, Numeraes, Pronomes, Verbos, Adverbios, Preposições e Conjunções*.

O grande destaque da 1ª Parte são justamente os vocábulos, fazendo jus ao título *Lexeologia*, que nomeou a edição de 1921. Segundo Said Ali, a lexeologia, “a parte da grammatica que estuda os vocábulos”, “differe da phonetica em considerar os sons combinadamente e denotando ideias e relações” (SAID ALI, 1931, 1ª Parte, p. 44). Continua o autor:

Não examina a lexeologia as palavras, sem primeiro dividi-las em um pequeno numero de grupos de accordo com certos caracteres comuns. Base desta classificação é o sentido geral das palavras, inquirindo-se se denotam seres, qualidades, acções, relações, etc.; e dahi a divisão em nomes, pronomes, verbos, etc.; que por sua vez se subdividem, attendendo sempre a

caracteres de ordem semântica, como veremos em seu lugar. (SAID ALI, 1931, 1ª Parte, p. 44-45)

Afirmar a classificação como decorrente do sentido geral das palavras é um gesto interessante, principalmente quando esse gesto se junta à afirmação de Said Ali de que “certos vocábulos variam de categoria gramatical em virtude da mudança de sentido” (SAID ALI, 1931, PROLOGO DA LEXEOLOGIA, p. III).

Pensar a gramática na relação com as mudanças da língua é desorganizar o imaginário normativo prescritivo da gramática no quadro dos “instrumentos linguísticos de gramatização” (AUROUX, 1992, p. 65). Segundo Auroux:

Nós chamamos gramática de uma língua L, algo como o que fez Panini para o sânscrito; Dionísio de Trácia e Apolônio para o grego; Varrão, Donato e Prisciano para o latim e Sibawayhi e seus sucessores para o árabe.

Uma gramática contém (pelo menos): a. uma categorização das unidades; b. exemplos; c. regras mais ou menos explícitas para construir enunciados (os exemplos escolhidos podem tomar seu lugar). (AUROUX, 1992, p. 66)

Auroux reitera que “os paradigmas completos – sob forma tabular – não figuravam nos *corpora* dos gramáticos grego-latinos clássicos, estando seu aparecimento ligado à pedagogia das línguas [...]” (*ibid.*, p. 66), e discute o papel dos exemplos nas gramáticas, afirmando como estes “se beneficiam de uma espantosa estabilidade no tempo: nós os reencontramos, por um procedimento de tradução, de língua a língua. A constituição de um *corpus* de exemplos é um elemento decisivo para a gramatização”. Auroux acrescenta que os exemplos são “o núcleo da língua normatizada” (*ibid.*, p. 67).

No que toca à categorização, Auroux lembra que ela se sustenta sobre “termos teóricos e uma fragmentação da cadeia falada”, e chama a atenção para o fato de que os “termos teóricos mais globais”, como ‘palavras’ e ‘enunciados’, “ao contrário das classes de palavras, são raramente discutidos, conquanto tenham implicações consideráveis” (*ibid.*, p. 67).

É, portanto, sintomática a escolha de Said Ali pelos termos ‘vocábulo’ e ‘palavra’ como estruturantes de seu estudo da língua portuguesa na *Grammatica Historica*. Sendo “termos teóricos mais globais”, segundo a compreensão de Auroux, são termos mais propícios ao trabalho com os sentidos, já que a categorização fica mais diluída nessa teorização mais global. Vocábulo, palavra e sentido vão organizando a discussão na *Grammatica Historica*.

A *Grammatica Historica* no movimento da língua

Na abertura do subtítulo da 1ª Parte, *Os vocabulos: especies, formas e significação*, que compõe a *Lexeologia*, lemos:

No exame das palavras verifica [a Lexeologia] serem estas formadas geralmente de duas partes: o *radical*, parte mais ou menos estável e de significação própria, e *affixos*, elementos variáveis, de significação relativa [...]. Palavras ha que não apresentam mais que o radical, por ter desaparecido o elemento variável em que terminavam (SAID ALI, 1931, 1ª Parte, p. 44).

Nesta descrição de Said Ali, ressalto o cuidado do autor em afirmar a relativização no que concerne tanto à formação quanto à significação das palavras: “geralmente de duas partes [...] parte mais ou menos estável [...] elementos variáveis, de significação relativa [...] palavras ha que [...]”. O movimento da língua no seu uso é o ponto de ancoragem de Said Ali.

Na continuidade de sua discussão, uma definição me convoca: “As palavras com que se designam os seres e seus atributos chamam-se simplesmente *nomes*. É o termo mais despretenhoso e mais acertado de toda a nomenclatura grammatical” (*ibid.*, p. 45). Comentar e opinar sobre a terminologia é um modo de realçar seu caráter contingente. Said Ali suspende o efeito de naturalização e estabilização das terminologias. Ao nos expor ao seu modo de definir, o autor reitera que é no uso da língua que a classificação vai sendo delimitada:

Fazendo-se, como se faz, distinção entre as denominações dos seres propriamente ditos e as

denominações dos attributos de dimensão, tamanho, cor, consistencia, etc., pelos quaes os differencamos uns dos outros, torna-se necessario dividir os nomes em substantivos e adjectivos (SAID ALI, 1931, 1ª Parte, p. 45).

‘Vocabulo’, ‘palavra’, ‘termo’, assim como as nomeações das categorias analisadas – Nomes, Substantivos, Adjectivos, Numeraes, Pronomes, Verbos, Adverbios, Preposições e Conjunções - vão se alternando ao longo da exposição de Said Ali, numa fluidez que atravessa toda o estudo histórico feito pelo autor. A categorização e os exemplos estão presentes na *Lexeologia*, mas não estão a serviço da lógica ou de uma perspectiva psicologizante reducionista: “Pode-se geralmente acrescentar *-inho, -zinho* a qualquer substantivo, mas é relativamente diminuto o numero de vocabulos a que é possível ajuntar *-ão* ou alguma de suas variantes [...]” (*ibid.*, p. 49); “Vocabulos não-oxytonos terminados por sibilante, como *oasis, ourives*, conservam-se, segundo a linguagem hodierna, inalterados no plural. Em portuguez antigo dizia-se porem *ourivezes* [...]” (*ibid.*, p. 51); “Das palavras em *-l* seguem rigorosamente a regra geral *mal, males* e *consul, consules*. No plural dos demais nomes dá-se o desaparecimento de *l: dedaes* [...]” (*ibid.*, p. 51); “Raros são os casos como os exemplos precedentes, em que o feminino é vocabulo muito diverso do masculino” (*ibid.*, p. 55); “Das palavras em *-ez* são invariaveis quanto a genero: *cortez, montez, pedrez, soez, tremez*. Em port. ant. esta invariabilidade estendia-se aos adjectivos patrios em *-ez*” (*ibid.*, p. 72); “Por muito sugestivo que seja o termo, não satisfaz, à ciencia da linguagem definir o pronome como palavra supridora do nome substantivo” (*ibid.*, p. 92).

Observo que o movimento da língua no seu uso é sempre realçado ao longo da descrição empreendida. Mesmo quando fala em regra, como em um dos recortes acima, Said Ali não fala em exceção à regra. Os casos que não seguem a “regra geral” são apresentados em sua diferença, como fatos da língua, comparados na relação entre o “portuguez antigo” e a “linguagem hodierna”. A língua em seu uso vai delimitando o que “geralmente se pode acrescentar”, o que “é relativamente diminuto”, os casos que concernem ao plural, a relação de um vocábulo masculino com seu correspondente feminino, os casos de concordância de gênero, as questões relacionadas a definições, para

me ater aos recortes acima apresentados. Ressalto que a diferença encontra lugar, no estudo histórico de Said Ali, para ser tomada como elemento constitutivo do movimento da língua.

Merece destaque uma afirmação de Said Ali, que vem ao encontro dessa sua postura não categorizante:

Entre dialecto e lingua não ha differença essencial senão a circumstancia de ser a lingua aquella dialecto que, entre outros muitos usados no mesmo paiz, se preferiu empregar como linguagem de chancelaria, servindo para a escriptura de todos os documentos officiaes. O dialecto, que se adoptou nas côrtes dos reis, passou a ser o falar da gente culta, ficando por fim a linguagem usada nas produções literarias.

Ao cabo de algum tempo a lingua assim constituida emancipa-se necessariamente do falar regional que lhe deu origem. Dá-se-lhe um caracter de necessidade, submetendo-a a regras de bom gosto e a normas grammaticaes mais fixas; introduzem-se nella expressões novas, que em grande parte se vão buscar ao latim. De popular que era, o antigo dialecto, agora lingua official, adquire feição erudita e nobre, desprezando, por pebléas, certas maneiras de dizer que pareciam mal em boca de gente de educação mais fina. (SAID ALI, 1931, p. 2).

Dar a ver o processo que marca a institucionalização e oficialização de uma língua é uma proposta que se pauta pela busca da compreensão do funcionamento dessa língua, trazendo seus movimentos e delimitando percursos no seu uso. Said Ali, de maneira muito interessante, vai relatando como a forma oficial se faz resultado de processos. Regras e normas são imposições que conformam a língua produzindo o efeito de normalidade. Legitimam e oficializam uma versão e a transformam no padrão reconhecido, reafirmando sua estabilização em nome de uma unidade que se apresenta como necessária. Como nos faz ver o autor, estabilização e mudança sempre tensionam a relação entre as palavras e os sentidos.

Também na 2ª Parte da *Grammatica Historica* essa relação entre palavra e sentido é um ponto de sustentação importante.

Ao abrir o estudo da *Syntaxe*, no subtítulo *Proposição em geral*, somos recebidos pela seguinte afirmação: “Definição do conceito da proposição que seja geralmente aceita, não existe” (2ª Parte, p. 44). Said Ali vem desorganizar as certezas no campo da gramática com um enunciado que não tem meio termo. Relativiza a gramática sem qualquer relativização! Retomada de Brugmann, essa “observação particular”, tal como a nomeia Said Ali, vem marcar o terreno divergente no qual se inserem os “pensadores modernos que mais profundamente meditaram sobre tão importante assunto” (*ibid*, p. 44). Criticando tanto a perspectiva lógica, cujos princípios gerais muito comumente não se sustentam em casos particulares, quanto a perspectiva psicológica que concebe a linguagem como reflexo direto do pensamento, Said Ali vai defender que “é sobretudo [...] o comunicar o facto a outrem, o querer torná-lo sabedor de cousa que desconhecia, é isto, o que caracteriza o predicado, e portanto a proposição” (2ª Parte, p. 45-46). O autor reitera: “para o grammatico, para o linguista [...] o que importa é assignalar que um individuo transmite a outro o conhecimento de um facto por meio de certa combinação de palavras ou, ainda, por uma só palavra” (p. 46). Portanto, nossas relações são, necessariamente, relações de linguagem, nos permite dizer Said Ali, e a interlocução, que se estrutura numa “certa combinação de palavras” ou em “uma só palavra”, é a base da sintaxe tal como proposta pelo autor na Gramática Histórica. Com o recorte abaixo, Said Ali encerra o subtítulo *Proposição em Geral*:

Com estas bases iremos naturalmente discriminar outras orações além das do tipo mais perfeito, que é o das orações explícitas. Distinguiremos também as interjeições que não passam de meros gritos espontaneos, daquelas que se proferem calculadamente contando tornar o ouvinte sabedor do que pensamos ou sentimos. (SAID ALI, 1931, 2ª Parte, p. 46)

Ressalto o final deste recorte, chamando a atenção para o enunciado “tornar o ouvinte sabedor do que pensamos ou sentimos”. O gesto de “tornar o ouvinte sabedor” envolve um processo que alude a uma

afetação do ouvinte em relação ao falante pela língua. Isso é importante! Não se trata apenas de uma relação comunicativa, de informar o ouvinte, mas fazê-lo “sabor do que pensamos ou sentimos” por meio das interjeições que não são “meros gritos espontâneos”. Falante e ouvinte ficam enlaçados pela língua, no que proponho nomear uma *demand material subjetiva*. O enunciado aqui recortado é significativo dessa convocação da subjetividade na materialidade da língua.

A Grammatica Historica sob o olhar materialista

Para conseguir avançar um pouco mais na compreensão dessa demanda material subjetiva nesta obra de Said Ali, volto ao capítulo da *Syntaxe*.

Compondo o subtítulo *Syntaxe* encontro *Proposição em Geral; Termos da Proposição; Proposições Secundarias – parataxe e hypotaxe; Interrogação Indirecta; Linguagem Affectiva; Concordancia em Geral; Casos Particulares de Concordancia; Funções dos Tempos Verbaes – Presente, Imperfeito e Perfeito, Mais-que-Perfeito, Futuro; Emprego dos Modos – Imperativo, Indicativo e Conjuntivo; Emprego do Infinitivo – Infinitivo pessoal; Emprego do Gerundio*. Em princípio, um conjunto que não foge muito ao que se reconhece como questões relacionadas à sintaxe, com exceção do capítulo *Linguagem Affectiva*. No entanto, o que se apresenta como novidade, é o modo pelo qual Said Ali vai tecendo o laço entre falante e ouvinte:

Inconfundível com a sentença expositiva, de que se utiliza o indivíduo falante para transmitir seus pensamentos a outrem, é a frase que ele lhe dirige sob a forma de pergunta, quer proferida isoladamente, quer em meio de um discurso. Percebe-a o ouvinte logo pela tonalidade mais alta que, em frase de certa extensão, costuma ser mais notória no fim, ao contrário das frases expositivas, as quais em geral terminam por uma nota mais grave. Confrontem-se: *Chove. Chove? Ficarás. Ficarás? Perdeste um grande amigo. Perdeste um grande amigo?* Também se assinalam pela elevação de voz certos termos interrogativos com que se pode iniciar a pergunta.

Da interrogação direta difere a interrogação indireta, que se exprime por meio de oração composta com a tonalidade habitual da linguagem expositiva, constituindo-se a oração principal com um verbo denotador de desconhecimento ou desejo de ser informado, e enunciando sob a forma de subordinada, iniciada por partícula dubitativa ou expressão interrogativa, aquilo sobre que se deseja ter informação ou conhecimento: *Não sei se ficarás; diga-me se ele está em casa; quisera saber onde anda, quando virá e por que se demora*, etc. (SAID ALI, 1931, 2ª Parte, p.55).

Said Ali vai mostrando que a interlocução entre falante e ouvinte é um processo que vai acontecendo na língua, marcado em sua materialidade. No recorte acima, o autor especifica que a pergunta direta sempre se apresenta por uma alteração tonal. É a tonalidade mais alta que permite ao ouvinte “perceber” que se trata de uma pergunta e não de uma sentença expositiva, que termina geralmente por uma tonalidade mais grave.

Nessa sua descrição, Said Ali dá visibilidade à imbricação material¹ entre sintaxe e prosódia no processo de interlocução entre falante e ouvinte. O autor especifica como a sentença, em sua forma expositiva ou interrogativa, só se configura na imbricação com o tom mais grave ou mais alto. O modo como Said Ali vai descrevendo a língua portuguesa em seus diferentes usos, sempre chamando a atenção para os efeitos de sentido produzidos sobre o falante e o ouvinte, me diz que, embora não faça sua descrição dentro do dispositivo discursivo materialista, as observações do autor são muito sensíveis à materialidade da língua e a seus efeitos sobre o sujeito em relações de interlocução. Como ressaltai anteriormente, Said Ali, ao focar a relação entre falante e ouvinte, não se restringe a uma perspectiva comunicativa. Ele vai realçando a afetação entre falante e ouvinte pela língua. Ao formular, por exemplo, que o falante “se utiliza da sentença expositiva para transmitir seus pensamentos a outrem” (*ibid*, p. 55), é importante observar a força da forma reflexiva do verbo – se utiliza – na convocação da subjetividade que enlaça falante e ouvinte, numa relação que extrapola a comunicação. Ainda na sequência do recorte,

quando discorre sobre a interrogação indireta, “que se exprime por meio de oração composta com a tonalidade habitual da linguagem expositiva” (*ibid*, p. 55), Said Ali acrescenta que a oração principal trará “um verbo denotador de desconhecimento ou desejo de ser informado” (*ibid*, p. 55), concernindo diretamente o falante numa *demanda material subjetiva*, que também aqui se faz presente e abre espaço para o desejo na relação de interlocução.

As descrições de Said Ali nos dizem que é na prática languageira que o sentido se (con)forma. Falante e ouvinte ficam materialmente enlaçados na demanda subjetiva que os captura. Said Ali vai nos sensibilizando pra um funcionamento da língua e pra uma relação entre falante e ouvinte que não cabem numa concepção lógica da linguagem, ou numa concepção que tome a linguagem como reflexo de algo anteriormente pensado. Pensamento é já linguagem materialmente estruturada e discursivizada. A relação de interlocução também não cabe numa perspectiva apenas comunicativa e a sensibilidade do mestre Said Ali, como é ressaltada por todos os estudiosos de seu trabalho, é ímpar para nos dizer tudo isso.

***A Grammatica Historica* fazendo história**

O estudo da *Gramática Histórica* de Said Ali me trouxe algumas compreensões importantes num espaço de sutilezas e refinamento.

Afirmar, no início deste artigo, que o olhar de Said Ali para a língua portuguesa em seu movimento na história, a partir da relação entre os vocábulos e seus sentidos, nos permite, e nos demanda, acrescento, trabalhar a polissemia do termo gramática. Importante dizer que o trabalho do autor, enfocando a língua em diferentes usos na relação de interlocução entre falante e ouvinte, tornou possível entender que a diferença encontra lugar, no estudo histórico de Said Ali, para ser tomada como elemento constitutivo do movimento da língua. Isso faz furo na imagem da gramática como um “vetusto systema de classificação”, questionando o endosso da dicotomia acerto e erro no uso da língua. Said Ali vai localizando e dando visibilidade, na *Grammatica Historica*, à classificação como um movimento na história.

Nas descrições da língua portuguesa que o autor vai nos apresentando para falar desse movimento na história, a materialidade

linguística está bastante realçada e a relação de interlocução entre falante e ouvinte fica fortemente reiterada na e pela língua. A língua enlaça falante e ouvinte numa *demand material subjetiva* que confronta as bases lógicas e normativas do fazer gramatical, assim como a perspectiva comunicacional da linguagem.

O olhar inquieto e arguto de Said Ali, direcionado para a materialidade da língua portuguesa nos diferentes usos que a história foi lhe trazendo, significa, no campo das Ciências da Linguagem, um gesto político de resistência na e para a produção de um conhecimento linguístico politicamente consequente e um conhecimento gramatical sensível aos movimentos da língua.

Referências bibliográficas

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Pontes, 1992.

LAGAZZI, S. Paráfrases da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco. **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**, vol. 1. G. Flores, N. Neckel, S. Gallo (orgs.). Campinas: Pontes, 2015. p. 177-189.

LAGAZZI, S. A interpretação em composição: de *Marielle Presente ao Samba da Utopia*. **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**, vol. 4. G. Flores; N. Neckel; S. Gallo; S. Lagazzi; C. Pfeiffer; M. Zoppi-Fontana (orgs.). Campinas: Pontes, 2019a. p. 179-193.

LAGAZZI, S. Entre o amarelo e o azul: a história de um percurso. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, n. 44, p. 290–316, 2019b. DOI: 10.20396/lil.v44i0.8657818. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8657818>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SAID ALI, M. **Grammatica Historica da Lingua Portugueza**. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1931.

Notas

* Professora Colaboradora do Departamento de Linguística do IEL, atua nas áreas de Análise do Discurso e História das Ideias Linguísticas. Integra o Centro de Pesquisa PoEHMaS (IEL/Unicamp) e lidera, no CNPq, os grupos de pesquisa *O discurso nas fronteiras do social: diferentes materialidades significantes e tecnologias de*

linguagem, em parceria com Guilherme Adorno de Oliveira, e *Linguagem e cinema: o gesto em foco*, em parceria com Igor Capelatto.

¹ Venho trabalhando a imbricação material em análises de documentários, filmes, videoclipes, capas de livros e revistas, fotografias e ilustrações, ressaltando a importância de considerar as diferentes materialidades significantes em contradição, tomando como procedimentos fundamentais da perspectiva discursiva materialista o exercício parafrástico e a remissão do intradiscurso ao interdiscurso. Cf. Lagazzi (2015, 2019a, 2019b).